

**PROFESSOR MAGALHÃES:
LIÇÕES DE VIDA A SEUS ALUNOS**

MAURICIO ZANOIDE DE MORAES¹

Deveria ser regra constitucional homenagear as pessoas queridas em vida. Pessoalmente, sempre gostei de dizer às pessoas importantes da minha vida tudo o que significou ou significa para mim olhando-as diretamente, demonstrando meus sentimentos e a enorme gratidão que tenho por elas. Por mais que sejam amáveis, acho tristes as frases, até mesmo certas vezes críticas, mas sempre muito carinhosas e respeitadas, que são ditas sobre alguém ausente. Nesses casos, há sempre um certo amargor suspenso no ar; algo que falta. Falta alguém no diálogo de gratidão e admiração. Neste texto, registro por escrito minha mais sincera felicidade em revelar ao querido Professor Antônio Magalhães Gomes Filho ao menos um pouco de tudo o que ele representou e representa para mim; assim como certamente também significa a incontáveis outras pessoas.

Não cometerei aqui a arrogância de descrever o Professor Magalhães aos que não o conheçam. Não tenho essa capacidade. Por ser uma personalidade rica de facetas não me acho capaz de retratá-lo em um todo. Sou capaz apenas de descrever o que ele representou e ainda hoje representa às pessoas que conviveram com ele; sempre e desde o início limitando-me à minha referência de perspectiva. Como não posso, por razões lógicas, mudar o observador, tentarei expor a grandeza do Professor Magalhães por alguns prismas pelos quais pude observá-lo, com ele aprender e com ele conviver.

Antônio Magalhães Gomes Filho foi, junto com a Professora Ada Pellegrini Grinover, os docentes de processo penal responsáveis por ensinar, em meu quinto ano de graduação, tudo o que a recente Constituição de 1988 trazida de enormes mudanças. O primeiro prisma pelo qual conheci o Professor Magalhães foi o de aluno de graduação.

Ao início de 1989, ele era o responsável pela cadeira processual penal à turma que eu integrava e que escolhera a especialidade na área penal para seu aperfeiçoamento antes da formatura. Particularmente, eu estava em pânico, pois, mesmo com parquíssima noção, sabia que muito do que estudara nos anos anteriores seria

¹ Professor da USP. Livre-Docente e Doutor em Processo Penal pela USP. Advogado.

modificado pela Carta de 1988. Contudo, sentindo pela primeira vez seu modo de ensinar, lembro vivamente de ter saído da primeira aula não mais preocupado com as mudanças, mas feliz porque tudo seria diferente e – naquela época se acreditava – seria melhor. O Brasil passara a ser um Estado Democrático de Direito e a supremacia normativa constitucional garantiria novos rumos para os direitos fundamentais entrarem em uma fase de progresso constante e não mais retrocessos. Infelizmente, acredito que nem mesmo o Professor imaginava o que este último lustro reservava ao devido processo penal. Mas, enfim, deixou claro naquela aula que doravante a responsabilidade por tornar a Constituição uma verdade prática era nossa (ele incluído)! Professor, ainda hoje – ainda mais hoje –, a responsabilidade é nossa!

Ensinou e já nos preparou para as mudanças jurisprudenciais que não tardaram a vir. Sempre com segurança, com uma certeza e clareza de ideias que o tornavam um seguro condutor de nossas inseguranças; as quais pouco a pouco se dissiparam. Caro Professor, hoje elas voltaram! Espero fazer o mesmo que fez conosco com minhas turmas de graduação. A esperança franciscana não cederá aos déspotas da vez; sejam eles os “esclarecidos” ou sejam os truculentos.

Pouco mais de 5 anos após essa experiência como seu aluno de graduação, tornei-me seu assistente em aulas que ele dividia com a Professora Ada Pellegrini Grinover. Nessa nova fase de meu aprendizado, sob outra perspectiva, durante todo um curso de direito processual penal à graduação, pude testemunhar que toda sua segurança expositiva e clareza de argumentos advinha de pesquisa e estudos constantes. Esse é Magalhães Gomes Filho como docente de graduação. Sua cordialidade para com os alunos, sua fineza de trato e sua sempre grande compreensão com as necessidades dos alunos rendem-lhe desta estima especial e carinho permanente.

Para ilustrar esse comportamento para com os alunos, relato uma das histórias com ele vividas. Era seu assistente e, como tal, aplicava as provas, cujas questões eram elaboradas por ele e pela Professora Ada, e procedia à primeira correção, levando-as posteriormente a eles para aprovação de meu trabalho e fechamento de notas. Em uma das muitas turmas para as quais eles lecionaram, ao pré-corrigir a prova de uma aluna, percebi que ela tinha conteúdo científico apurado e se expressava muito bem no vernáculo; para a sua prova eu não tinha nenhum reparo. Ao passar de uns cinco parágrafos, percebi que aquelas palavras e termos me eram familiares e, como a resposta à questão envolvia o tema de nulidades processuais, fui consultar o livro daqueles Professores, com o mesmo nome. Sem poder alegar surpresa, percebi que ou a aluna

“colara” quase duas páginas inteiras do livro (*ipsis litteris*, incluído aqui vírgulas e advérbios), ou estava diante de um prodígio de memória. Como me fora recomendado pelos Professores desde o início, qualquer prova que entendesse haver algo diferente a destacar, não fizesse a pré-correção. Deveria colocá-la de lado e, por meio de um bilhete, fazer as considerações a eles. Nesse caso, meu bilhete foi acompanhado de cópias das páginas que “inspiraram” a redação da aluna. Entreguei a prova em separado ao Professor Magalhães, expliquei-lhe minha opinião e ele disse-me que verificaria. Após as notas terem sido lançadas no sistema da Faculdade, em uma aula sua em que o acompanhava, indaguei qual fora a sua decisão quanto à prova daquela aluna. Ele disse que não considerou “cola” a nota da aluna, pois, como não havia prova de que ela tinha colado e eu não a havia surpreendido em tal ato, ele preferiu considerar a prova legítima. Em termos processuais, resolveu não a sancionar sem o devido processo legal. Indaguei-lhe, então, que nota tinha dado à aluna pelo teor da resposta da prova e ele, com um largo sorriso, disse-me: não lembro!

Um pouco mais adiante em nosso relacionamento, que tenho para mim foi a época de ouro na pós-graduação de processo penal da Faculdade de Direito, com ele lecionavam a mesma cadeira a Professora Ada Pellegrini Grinover e o Professor Antônio Scarance Fernandes. Complementando o grupo docente naquela área, figuravam os infáveis e queridíssimos Professores Sérgio Marcos de Moraes Pitombo e Rogério Lauria Tucci. Não tenho o menor receio em dizer que fomos alunos de pós-graduação do melhor corpo docente então existente na área. Todos excelentes e cuja capacidade individual de cada qual estimulava e dinamizava as habilidades e conhecimento dos demais. Foi, realmente, um presente a todos nós.

Agora, pela perspectiva de aluno de pós-graduação, vi e apreendi uma outra faceta do querido Professor. Sem mudar em nada a sua cordialidade e fineza no trato com os alunos, assim como seu constante preparo para as aulas e coerência e capacidade científicas, conheci um docente estimulador do debate e do estudo crítico, aberto às considerações dos alunos, mas sempre pronto a oferecer uma nova abordagem das questões. Foi um importante professor na formação de muitos profissionais que frequentaram aquelas suas aulas.

Quando integrava bancas, com a mesma cordialidade, apontava com agudeza incoerências e falhas dos trabalhos, mas, sempre ressaltava os pontos favoráveis e estava sempre com uma palavra de estímulo para oferecer ao candidato. Qualificação, Mestrado ou Doutorado, não importava a banca ou o examinando, sempre o vi muito

preparado com a leitura dos trabalhos e sempre pronto em colaborar com sua melhora. Sempre foi uma honra e um aprendizado ombreá-lo nesses eventos.

Ao presidir minha Banca de Livre Docência, cujo tema tive a ousadia de escolher um dos mais caros ao querido Professor e com o qual ele fez sua já clássica e então precursora tese de doutorado (“presunção de inocência”), ouvi dele palavras de avaliação que me tornaram seu admirador eterno! Exercendo uma humildade somente possível aos grandes homens, o Professor Magalhães ganhou de mim o mais eterno respeito e admiração. Ensinou-se, naquele importante momento, da honrosa posição de Presidente da Banca, que a maior alegria e felicidade de um professor vocacionado é ver o progresso de um aluno. Naquele dia entendi que, por mais que progrida em minha vida docente, nunca serei capaz de igualá-lo em nobreza e fidalguia, em capacidade de compreensão humana e, principalmente, nunca deixarei de ser seu aluno.

O Professor Magalhães Gomes Filho, já Professor Titular de Direito Processual Penal desde 2002 e tendo sido Chefe do Departamento de Direito Processual da Faculdade de Direito da USP, revela-se um professor admirado por toda a comunidade docente das Arcadas e é escolhido para ser seu Diretor no quadriênio de março/2010 a março/2014. Eu, já professor de seu Departamento, passo a observá-lo por uma nova perspectiva. A de mais importante dirigente da Faculdade.

Como Diretor, sua gestão enfrentou com galhardia e pulso firme, tempos conflituosos. Diante dos desafios que se lhe apresentaram, foi condutor seguro que não permitiu à nossa Faculdade adornar nos mares do rancor e da cizânia nem se arrebetar nos arrecifes das promessas fáceis de quimeras que o futuro sempre revela custosas e mentirosas. Foi conciliador com quem desejava o bem da Faculdade, sempre respeitando opiniões contrárias, e firme e decidido com quem pregava ou, mesmo no recôndito desejasse sem confessar, o oposto; não raras vezes com falsos discursos de “bem comum”. Tomou providências administrativas seguras, fez o impossível em meio à crise político-econômica que já se pronunciava na Universidade, e entregou uma Faculdade em paz e reunificada para seu sucessor. Fosse outra a sua têmpera, o seu espírito agregador e a sua firmeza de comportamento e de propósito, certamente teríamos vivido tempos muito piores e o futuro, já trilhado por seus sucessores, teria sido menos promissor!

Desse período diretivo não desejo destacar os avanços administrativos e o realinhamento dos funcionários para o bem da Faculdade, quero destacar o homem por trás do Diretor.

Não foram poucas as vezes que o encontrei nos corredores da Faculdade ou tive questões acadêmicas para discutir com o Diretor Antônio Magalhães. Em todos nossos encontros, mesmo eu sabendo pelo que passava, nunca o vi sem um sorriso no rosto, nunca proferiu uma única palavra amarga, reclamou ou lamentou. Sempre positivo, sempre otimista e sempre de um bom humor. Todos, inclusive eu, sabíamos também de algumas intercorrências de saúde pessoal e em sua família, mas eu quero afirmar que nunca o vi pessimista, nunca proferiu uma única palavra negativa contra qualquer de seus opositores ou sobre a sua situação ou da Faculdade. Comigo, nunca! Certamente por isso sempre houve muito mais pessoas – como eu – a estender-lhe a mão e seus numerosos amigos de vida acadêmica, profissional e pessoal a colocarem-se a seu lado em seus objetivos. Mais uma vez, agora com ele na posição de dirigente máximo da Faculdade de Direito, aprendi com seu exemplo!

A partir daí percebi que, para além e acima do Professor, sempre houve um homem bem formado e de personalidade exemplar. Um humanista, defensor dos direitos fundamentais e conquistas democráticas, uma pessoa bem formada em caráter e conduta social. Como pai e marido, pude vê-lo conviver em um ambiente de alegria, respeito e amor recíproco. Sua esposa Isabela, que nos deixou muito cedo, sempre foi companheira fiel e, sempre muito alegre, fez com ele um casal do qual as filhas Gabriela e Mariângela em nada destoam. Mariângela, hoje também professora da Faculdade, é tão competente, séria pesquisadora e de cordialidade ímpar que, não tivesse escolhido outra área de concentração, seria a perfeita e mais competente sucessora do pai. Gabriela, talvez com quem tenha tido o menor contato, sempre se mostrou com o senso de humor e a simpatia materna. Mais uma vez, agora ele na posição de homem, marido e pai serve-me de exemplo!

Há, contudo, uma única perspectiva da personalidade do Professor Magalhães da qual não aprendi; não que ela não me tenha feito ainda mais identificado com ele. É que esta aprendi logo cedo. O atributo, que tivemos a honra e orgulho de compartilhar durante todos esses anos, é que somos torcedores do Santos Futebol Clube! Como todos sabem, esse “*É um orgulho que nem todos podem ter*”!!!

Caro Professor Antônio Magalhães Gomes Filho saiba que deste seu eterno aluno leva a mais sincera gratidão. MUITO OBRIGADO!